

LEILA

a filha de Charles

EDITORA
EVE

Solicite nosso catálogo completo, com mais de 500 títulos, onde você encontra as melhores opções do bom livro espírita: literatura infantojuvenil, contos, obras biográficas e de autoajuda, mensagens espirituais, romances palpantes, estudos doutrinários, obras básicas de Allan Kardec, e mais os esclarecedores cursos e estudos para aplicação no centro espírita – iniciação, mediunidade, reuniões mediúnicas, oratória, desobsessão, fluidos e passes.

E caso não encontre os nossos livros na livraria de sua preferência, solicite o endereço de nosso distribuidor mais próximo de você.

Edição e distribuição

EDITORA EME

Caixa Postal 1820 – CEP 13360-000 – Capivari – SP

Telefones: (19) 3491-7000 | 3491-5449

Vivo (19) 99983-2575 | Claro (19) 99317-2800

vendas@editoraeme.com.br – www.editoraeme.com.br

DENISE CORRÊA DE MACEDO
pelo espírito ARNOLD DE NUMIERS

LEILA

a filha de Charles

Capivari-SP
- 2016 -

© 2016 Denise Corrêa de Macedo

Os direitos autorais desta obra são de exclusividade da autora.

A Editora EME mantém o Centro Espírita “Mensagem de Esperança”, colabora na manutenção da Comunidade Psicossomática Nova Consciência (clínica masculina para tratamento da dependência química), e patrocina, junto com outras empresas, a Central de Educação e Atendimento da Criança (Casa da Criança), em Capivari-SP.

1ª edição – maio/2016 – 5.000 exemplares

CAPA | André Stenico

DIAGRAMAÇÃO | Victor Benatti e Marco Melo

REVISÃO | Editora EME

Ficha catalográfica

Numiers, Arnold de, (Espírito)

Leila - a filha de Charles / pelo espírito Arnold de Numiers; [psicografado por] Denise Corrêa de Macedo - 1ª ed. mai. 2016 - Capivari, SP : Editora EME.

272 pág.

ISBN 978-85-66805-xx-x

1. Romance mediúnico. 2. Relato de uma encarnação de Yvonne A. Pereira. 3. Suicídio. 4. Mediunidade como missão. I. TÍTULO

CDD 133.9

AGRADECIMENTOS

Ao grupo de espíritos que trouxe esta obra;
a Augusto Marques de Freitas e Diva Siqueira de Freitas;
a meus familiares, em especial a meu marido,
Carlos Henrique; a Roni Ricardo O. Maia,
a Jeanne Martha Sampaio e ao
Centro Espírita Seara Fraternal.

SUMÁRIO

Prefácio	9
Introdução	13
Apresentação	17
Esclarecimento	21
Casa Paterna	25
Amor, sempre amor	39
Novamente juntos	61
Felicidade principesca	75
Impulsividade indômita	91
Drama doméstico	113
Lições do Evangelho Consolador	133
Agravantes	147
O passado	165
D. Carlos chora	179
Orações	197
Hospital Maria de Nazaré	213
Programa reencarnatório	227
Sublimação	243
Nas telas do infinito	259
Referências bibliográficas:	269

PREFÁCIO

O ENGODO AO qual o espírito se vê preso em sua nefasta escolha pelo suicídio é fato que hoje apresenta característica endêmica e mundial, afetando tanto jovens quanto idosos, adultos e até mesmo crianças. A pouco e pouco, as teias escuras das influências obsessivas acabam por achar comparsas na dor, que se rendem facilmente às ideias depressivas e negativas, o que acabou por configurar a pior doença psíquica da atualidade – a depressão –, capaz de gerar outras consequências, dentre elas o suicídio, tornando-a conhecida como mal do século XXI.

Muito antes de se chamar o quadro depressivo com esse nome e características, já se morria impelido ao suicídio por canais obsessivos, levado pelo desespero, pelo descompromisso com a vida, pela pouca vontade de lutar, tristeza e dor moral. Diante desse quadro, cuja novidade hoje é o aumento vertiginoso de casos, a despeito do aumento da população encarnada, intensificou-se também, nas ordens do Bem Maior, o combate incessante ao problema.

Os temas obsessão e suicídio não são novos e foram fontes de estudos de médicos renomados da Terra e do Espaço, observando-se como sintomática a depressão. Nesta obra, porém, os três assuntos se revestem de um cunho mais moderno, quando descrevemos e acompanhamos a personagem Leila, que se compara aos jovens de hoje, abastados e tediosos de suas vidas plenas de materialidade e vazias de espiritualidade.

A história de Leila esteve proibida de ser revelada à Terra, pela benevolência de Dr. Bezerra de Menezes, por se tratar de reincidência no suicídio¹ daquela médium fluminense conhecida como

1 “É reincidência, não há necessidade de passar por isso.” Recomendações de Dr. Bezerra à Yvonne, em relação ao fato de ela querer narrar a própria história passada no século XIX, cujo suicídio foi descrito na obra *Recordações da mediunidade* – FEB. Esta entrevista de Yvonne foi concedida a Altivo Pamphiro e consta do livro *Pelos caminhos da mediunidade serena*, – Lachâtre, p. 119

Yvonne do Amaral Pereira, cuja encarnação acompanhamos de perto para nos certificarmos do cumprimento de todo o programa pelo qual ela precisava passar em relação aos graves desacertos, como é de conhecimento geral. À maneira do ensaio e erro, revendo o passado, ela deixou aos homens algumas lições, quando revelou suas mazelas mais profundas, suas dores, mas também suas posturas como médium e o que fez para superar os traumas sofridos e reparar o mal.

Seu compromisso com os suicidas é evidente, quando nos mostra o duplo deslize pelo mesmo engano, numa lição às avessas, pois relata nas obras *O drama da Bretanha* e *Recordações da mediunidade* o crime que cometeu contra as leis de Deus, como faliu, como se sentiu depois, mas não revela o programa de reestruturação do próprio espírito, visto que, no último relato, tratava-se de sua própria vida esse programa – ela ainda estava encarnada como Yvonne – e, em *O drama da Bretanha*, terminava-se a trilogia. Este particular, que ficou faltando complementar em suas obras, foi demonstrado por Camilo Cândido Botelho no reconhecido e famoso *Memórias de um suicida*, quando Camilo narra o preparo do espírito nas câmaras de reconstrução para recuperar as melindrosas fibras etéreas do perispírito e, assim, conclui com os mentores sua nova reencarnação expiatória.

Agora que Yvonne habita as regiões mais seguras do Espaço, cumpre tarefa especial junto aos suicidas como era de se esperar, pois nossa pupila é integrante das plêiades assessoras, que trabalham em nome de Maria de Nazaré, como responsável pelo Departamento de Prevenção ao Suicídio. Como tal, preocupada com o crescente número de casos parecidos com o dela outrora, enviou à Mãe Santíssima um pedido especial para que fosse permitida a psicografia de sua triste história, de seu erro reincidente, como novo exemplo do que sucede ao suicida no além-túmulo, bem como da grandiosidade da misericórdia do Pai, ao conceder novo corpo e nova chance apesar de tudo. Desta feita, pretende retomar o programa reencar-

natório para exemplificar sua expiação e como a converteu em oportunidade de bênçãos por meio da dedicação ao Bem Maior.

Passados mais de trinta anos de sua morte no corpo físico, não mais há necessidade de preservar-lhe do erro reincidente porque ela o superou, já que se faz mister reconhecer pelo menos duas das lições por ela aprendidas e deixadas aos queridos espíritas, seus sucessores: a fidelidade ao Cristo e à doutrina espírita e a disciplina de oração e estudos à qual se submeteu, angariando forças e amizades espirituais que garantiram seu sucesso.

Boa leitura!

Charles de Guzman

INTRODUÇÃO

“ - Perdoo-te, sim! Perdoo-te por amor ao meu filho,
que tanto te tem amado através do tempo.

Perdoa-me tu também, em nome do mesmo Deus.”

(Arnold de Numiers em *O drama da Bretanha* - FEB - p. 205.)

Com imensa satisfação pela oportunidade que me foi dada de colaborar para trazer ao público mais um apelo contra o suicídio e suas implicações no plano espiritual como a obsessão e as doenças psíquicas. Trago, junto com a trama a qual acompanho de perto, o marco de meu arrependimento e reparação da lei de Deus, a qual infringi ao obsidiar Andrea de Guzman, no século XVII.

Em minhas encarnações como monsenhor de B. e Arnold de Numiers – quando ainda na Terra – fui pessoa temente a Deus e praticante de Sua lei de amor e caridade, fui pessoa honesta e boa com o próximo e isso me concedeu atenuantes para meu maior erro – a obsessão: pela traição de Berthe a meu filho amado, Henri de Numiers, eu a persegui sob o nome de Andrea. Esta traição tocou as fibras íntimas de meu coração, e qual pai não se revolta vendo o filho jovem e sadio jogar-se de um penhasco pela esposa que o traía? Meus maiores erros foram: esquecer o perdão, questionar a justiça divina e procurar a vingança como recurso. Obsidiei Andrea até levá-la ao suicídio, como descrito em *O drama da Bretanha*, porém depois do fato consumado, embora houvesse engendrado mil outras vinganças e formas de assédio ao espírito liberto de Andrea, quedei tocado pelo horror a mim mesmo pelo que havia feito e me apiedei daquela que fora, por alguns anos, filha adotiva e nora.

Vaguei em redor de meu filho em expiação, preso ao leito pela paraplegia, constatando que quando me aproximava dele, entra-

va em crises nervosas. Descobri que necessitava de auxílio, pouco depois, vendo Henri concentrado em preces junto ao irmão Alexis, que cuidava dele. Ambos oravam por Andrea, a quem continuavam a amar, até que ela foi tirada das regiões trevas onde se encontrava.

Orei também por minha vez, pedindo auxílio, e aquela era a primeira vez que o fazia depois de muitos anos. Recordei da minha encarnação dentro da Santa Igreja e fui auxiliado pela misericórdia divina. Marie de Numiers, minha esposa e companheira, esperava apenas esta abertura e neste momento de minha libertação, tomou-me num abraço para fazer-me voltar ao caminho de Jesus.

Algun tempo se passou e, quando revi Andrea, tive a oportunidade de pedir perdão. Imediatamente fui perdoado e este perdão me deu o alívio de que necessitava para aceitar o novo mergulho reencarnatório em expiação. Aceitei a deficiência mental em uma vida simples, dir-se-ia ordinária e pacata, longe de outros afetos, obscura até, cujos programas foram acertados por meus mentores. Expiei por trinta anos, num corpo com síndrome mental, enquanto aprendi a amar acima da lógica do raciocínio, exercitando a pureza de coração. Saí da Terra vencedor de mim mesmo, enquanto o estigma do mal que causara a Andrea se tinha atenuado, quase extinguido.

Uma vez liberto do corpo físico, foi-me rápida a recuperação, porque não trazia outros débitos e retomei a evolução assumindo novamente a forma de monsenhor de B., a qual me confortava por ter trabalhado em nome do Cristo. Hoje, como aprendiz nas fileiras do bem, coloco-me à disposição para o ditado deste drama, porque muito precisava me envolver com a recuperação do mal que causara, pela condução ao suicídio.

Jesus Cristo, nosso mestre, espera que avancemos sempre, dando-nos o exemplo do perdão e da misericórdia da qual esta obra trata, enquanto permite que sua divina mãe, Maria de Nazaré, pre-

sida as câmaras de recuperação dos suicidas e reconstrução de seus perispíritos para nova oportunidade. Mesmo os réprobos como os que foram obsessores, ou os próprios suicidas, merecem outra chance e novo começo para a conquista da paz.

Salve o Cristo!

Arnold de Numiers

APRESENTAÇÃO

AOS CAROS LEITORES:

Aceitei com muita alegria na alma, apreensivo com a incumbência e diante da responsabilidade, o convite para apresentar o romance *Leila, a filha de Charles* psicografado pela prezada Denise Corrêa de Macedo e ditado pelo espírito Arnold Numiers.

Porém, quando o assunto tem a ver com Yvonne do Amaral Pereira envolvo-me com muita satisfação!

Há anos atrás conheci as obras psicografadas e de cunho autoral da respeitável médium fluminense, hoje no Plano Espiritual, as suas vidas entrelaçadas por rompantes e embates caíram como luva em mim; quem não tem percalços a serem reparados nesta existência?

E os livros da pupila de Charles e de Dr. Bezerra de Menezes trazem matizes de seres imperfeitos, como nós, e ainda pelejando com as moldagens morais, bastante deficitárias.

Encontrar com o passado da personagem Leila, história desconhecida do grande público espírita e estudiosos das obras de Yvonne, é entender que “(...) o amor cobre uma multidão de pecados²”. E Arnold de Numiers (autor espiritual) assim o fez! Revelando-nos o lado bom de cada um que procura reerguer-se das próprias quedas com base no amor desconhecido e que tem o seu gérmen dentro de cada criatura criada por Deus, mas, adormecido, apenas na espera para crescer e florescer.

A narrativa envolve detalhes de uma das reencarnações da estimada médium nascida em Rio das Flores-RJ, período permeado pelo desconhecimento da lei de causa e efeito aplicada à luz do espiritismo. Mais uma vez, Yvonne nos permitiu devassar seu pretérito impetuoso, regado às paixões e desalinhado da fé no Criador. Neste

2 I Pedro, capítulo 4, versículo 8.

romance os personagens Leila e Roberto de Canallejas se reencontram, e se reconhecem por terem relações afetivas em vidas passadas, contudo, desconhecedores dos elos da fraternidade e do amor a si mesmos e ao próximo.

Trata-se de um relato bem estruturado, com um enredo assaz definido pelo espírito Arnold de Numiers, onde encontramos vieses ricamente adornados de citações de *O Evangelho segundo o Espiritismo* e *O Livro dos Espíritos*, pontuados nos diálogos entre Charles e a filha, sedimentando-lhe orientações valiosas para o espírito imortal; e pautado na sublime e doce melodia de uma época, onde a aventura e o desamor andavam de mãos dadas, como nos dias atuais.

Recomendo aos leitores, caso possível, lerem este romance embalado com um fundo musical clássico ou instrumental, o pensamento projetará todo o frescor daquele tempo, alguns se identificarão com tais personagens do século XIX e lugares por onde teriam vivido noutras épocas.

O suicídio apresentado ao leitor despertará nas mentes o equívoco desta solução, norteará pessoas aflitas a pensar um pouco mais nas suas consequências e propiciará encontrar em si mesmo outra alternativa frente à vontade de eliminar sua própria vida, cuja centelha vital não cessa e sim continua.

Contudo, aos homens reticentes de uma justiça divina era dada uma alternativa infeliz propagada culturalmente e estimulada pelo romance *Ana Karenina* de Léon Tolstói, que incentivou jovens em tempos transatos ao suicídio diante de uma impossibilidade de serem felizes, ou perante grave dor moral.

Esta obra, através das mãos zelosas de Denise, autorizada e chancelada pelo Bem Maior, iluminará irmãos em romagem terrena, principalmente os jovens, cuja incidência suicida faz aumentar os números de mortes diretas e também indiretas em decorrência de excessos. Dessa forma, torna-se inadiável acalmar os desesperançosos diante da vida.

Alertar sobre o suicídio é uma das propostas do espiritismo codificado por Allan Kardec.

Assim, o livro *Leila, a filha de Charles* visa contribuir e somar a tantos outros com foco no suicídio; alicerçado nos objetivos de esclarecer, acalmar e consolar diante da infeliz opção de rompimento com a vida física, todavia, capaz de expressar que haverá um novo amanhecer aos arrependidos.

Boa leitura e paz a todos!

Volta Redonda, 09 de outubro de 2015.

Roni Ricardo Osório Maia

Nota do autor: Roni é mineiro de Santa Rita de Jacutinga. Graduado em Administração, com especialização em Docência e Gestão de Pessoas, é filiado e palestrante da Associação Espírita Estudantes da Verdade. É autor do livro *Palavras de consolo – Bastidores do Projeto Yvonne Pereira* (Edição Lar Espírita Irmã Zilá).

ESCLARECIMENTO

“Newton Boechat iniciou explicando que inúmeros fatos têm sido contados por Chico Xavier, em caráter íntimo, aos amigos, e que, na ocasião, algumas vezes não era oportuna a sua revelação ao público. Entretanto, com o passar do tempo, tais confidências foram-se tornando livres de censura e poderiam ser dadas a conhecer, sem quaisquer inconvenientes.”

(Posfácio do livro *Sexo e obsessão* - LEAL, de Divaldo Franco/Manoel P. Miranda - em nota da editora.)

“O trabalho é consagrado como elemento primordial do progresso e a intenção nobre e generosa que inspire o trabalhador sincero sempre obterá o beneplácito divino para as suas realizações...”

(Roberto de Canallejas, em resposta a Camilo Botelho sobre a possibilidade de ele narrar a Yvonne o livro: *Memórias de um suicida* - FEB - p. 224)

Sempre gostei de ler sobre a mediunidade, principalmente, os casos ostensivos, como fontes de pesquisa e de trabalho. As histórias de Yvonne, há muito tempo, são exemplos para palestras e outros estudos, pelo cunho romântico de seus textos de fácil leitura e conteúdo doutrinário bem embasado e profundo, dando uma panorâmica peculiar do mundo espiritual. A curiosidade que me movia, tanto para os fenômenos ocorridos com ela, quanto para as causas de seus sofrimentos, levou-me a ordenar suas vidas e, conseqüentemente, seus erros, o que resultou em muito aprendizado sobre os sábios mecanismos pelos quais Deus se vale para ensinar aos homens e espíritos, e resumi este estudo no livro *A sublimação do amor - percurso evolutivo do espírito Yvonne do Amaral Pereira*.

As páginas que recebi agora foram trazidas após muita oração e

pedido de ajuda para um trabalho com grupos mediúnicos do Centro Espírita Seara Fraterna, no Rio de Janeiro, onde tive a oportunidade de receber o amparo de Yvonne do Amaral Pereira e sua equipe espiritual. Ela nos visitou em caravana, dando orientações principais sobre cada um dos médiuns trabalhadores da casa e, portanto, sobre nossa responsabilidade. Estavam presentes à reunião espiritual à qual Yvonne presidiu a vice-diretora da casa Juraci Sá Roriz, a diretora jurídica Diana Neves Farias, o colaborador do curso Álvaro Chrispino e o amigo desencarnado que intercedeu junto à Yvonne para nosso atendimento, Augusto Marques de Freitas.

Nas semanas seguintes, recebi, dentro da sala de passe, a presença de um espírito amigo que me confidenciou a necessidade de trazer a psicografia de uma obra, tocando meu centro de força frontal. A partir desse encontro, recebi as cenas do livro e me coloquei à disposição para o trabalho. Depois soube que o espírito amigo era Arnold de Numiers, personagem do livro *O cavaleiro de Numiers*, de Yvonne, atribuído a Charles. À medida que percebia que se tratava da história que faltou ser contada, que foi proibida por revelar a reincidência no suicídio de Leila (Yvonne), muito orei pedindo esclarecimento e orientação sobre a continuação ou não do trabalho. Foi ainda nas salas do Seara Fraterna que recebi a visita de Charles com enorme emoção, comovendo-me às lágrimas e também a outros médiuns presentes. Ele me ditou o prefácio desta obra e assim continuei a escrevê-la.

O principal motivo pelo qual a obra não poderia ser revelada à Terra seria a reincidência de Leila no suicídio, mas este capítulo foi descrito na obra *Recordações da mediunidade*, e se houve permissão para relatá-lo, foi porque não era este o cerne da proibição. Pesquisando e refletindo sobre o romance que me foi mostrado, entendi que a mentalidade machista dos séculos passados denegria muito a imagem de uma mulher que se separasse, sendo esta marcada para o resto da vida, no caso de Leila de Canallejas, até sua outra encarnação como Yvonne Pereira. Hoje, este escrúpulo em relação à mulher

que se separa e volta a se casar é quase nulo e a sociedade já aceita bem este fato, sem maiores preconceitos, o que não ocorria até meados de 1970.

Pautei-me, então, a partir desta conclusão, no pensamento de Augusto Cury³, quando ressalta a respeito do caráter humano pela ótica da inteligência socioemocional: “A sabedoria não está em não falhar ou sofrer, mas em usar nossas falhas para amadurecer e nosso sofrimento para compreender a dor do outro”. Creio que Leila aprendeu isso por experiência, e agora, após a sua desencarnação como Yvonne e tendo conquistado a superação pessoal, importa que conheçamos a vida em que errou, somada à outra em que muito acertou.

Sendo assim, espero que o leitor agora entenda as razões e os dramas das personagens aqui trazidas. Agradeço a oportunidade de poder contribuir para a divulgação desta história que completa, por assim dizer, a trajetória de Yvonne do Amaral Pereira e esclarece como é infinita a misericórdia de Deus para com todos os Seus filhos, mesmo para com os réprobos e reincidentes nas infrações das soberanas leis, dando a cada um segundo suas necessidades de aprendizado e suas escolhas.

Eis a versão romanceada dos fatos reais.

Rio de Janeiro, 1º de outubro de 2015.

Denise Corrêa de Macedo

3 Cury, Augusto. *O mestre inesquecível*, Editora Sextante

CASA PATERNA

“Referindo-me à ‘casa de meu pai’, eu descrevia um saguão que me era muito familiar, de tijolos de cerâmica, coloniais, onde a ‘minha carruagem’ entrava para eu subir ou descer. Havia aí uma escada interna por onde eu subia para os andares superiores (...) e o corrimão da mesma, com o balcão lavrado em obra de talha, pintado de branco e com frisos dourados, mostrava o motivo de uma corsa perseguida por um cão e pelo caçador em atitude de atirar com a espingarda. O caçador – mais tarde eu compreendi – era tipo holandês do século XVII.”

(Recordações da mediunidade - FEB - p. 52)

CORRIA O ANO de 1864⁴ na alegre e movimentada cidade de Madrid. O sol se escondia entre o casario baixo e colorido, enquanto as poucas pessoas se apressavam nas ruas, entre compromissos e afazeres. Vistos do alto, pareciam formigas conduzindo seus alimentos em fileiras que eram as ruelas de passagens. O arvoredado aqui e acolá dava ares bucólicos e atrapalhava um pouco a visão, pois que procurava endereço certo naquele cenário tranquilo.

Esta harmonia dos transeuntes, porém, era aparente e não refletia os estados de alma com fidedignidade. Chegando mais perto, no nível de visão que teriam os saltitantes pombos nas cumeeiras das igrejas, pude adivinhar com facilidade a gama de dores morais que afligiam os corações descompromissados com a fé e com a serenidade advindas das consolações celestes.

Muito me consternava encontrar infelizes que remoíam seus problemas íntimos preenchendo a atmosfera com seu psiquismo de-

4 Datas aproximadas.

sequilibrado e exalando toda sordidez que o caráter humano é capaz de engendrar, nas mais variadas tramas e complicações existenciais. Muitos desconheciam a verdadeira vida, que é a do espírito, e caminhavam perdidos em suas ilusões terrenas, sem nunca pedir auxílio. Nada podia fazer a não ser lamentar e orar...

Seguindo a rua, cujas pedras reluziam ainda ao brilho tombado do sol, fui passando, atendendo ao chamado de espíritos amigos que me queriam mostrar diletta família em flagrante de felicidade. Cheguei à imponente construção, cercada de muros de pedras e gradeado em arabescos, os quais transpusemos sem esforço.

Os jardins que os muros escondiam eram cuidados com esmero, traduzindo o capricho dos donos em flores delicadas e folhagem exuberante. Miosótis e pequenas margaridas, rosas e muitos canteiros de tílias e açucenas... Adentramos o alpendre, que, certamente, em dia de gala, ficaria movimentado pelo trânsito de cocheiros e cavalos, boleeiros e nobres, donzelas e senhoras.

Antes de entrar no Palácio, nosso grupo de visitantes passou por fronteiras invisíveis aos olhos terrenos, onde dois guardiões nos saudaram ao perceberem as vibrações de equilíbrio e sincero amor com que nos investíamos para essa viagem de congratulações pelo retorno de espírito amigo e querido de nossa família. Estavam comigo mais alguns amigos, também interessados no sucesso da reencarnante, dois protetores da família: Olivier e Louise de Guzman e a companheira Blandina d'Alembert ou Marie de Numiers.

Diante da sala, nos pórticos principais do Palácio, deparei-me com detalhe artístico, que se tornou relevante por aquela que ali habitava e o descreveria posteriormente, pois tal cena se reteve em sua memória transcendental. No entalhe de madeira, uma corsa que foge de um cão e um caçador em posição de atirar, ricamente trabalhado por exímio artífice em branco e dourado. O caçador era tipo holandês do século XVII.

Em ambos os lados desta impressionante figura, distinguiram-se escadas também de madeira, abertas em arco. Em derredor, no

andar térreo, magnífico salão de um lado, para a recepção de visitantes, estava ornado com o mais requintado luxo e enfeitado com obras de arte penduradas nas paredes. Às janelas enormes, cortinas em camadas sobrepostas abrandavam a luz, dando ar mais reservado ao mobiliário florentino.

Este ambiente, que ao leitor pode parecer luxuoso demais ou remoto no tempo, estava assim decorado porque abrigava, por aqueles dias, a íntima comemoração de seus habitantes. Regressara à Terra havia precisamente um mês aquela que seria a única herdeira de D. Carlos Ramiro de Montalban e Guzman⁵, espírito muito amado de seu coração, a quem ele aceitou orientar segundo os parâmetros estabelecidos pelo mestre Jesus, conduzindo-a, pela educação primorosa que receberia, a reconciliar-se com o Altíssimo, amenizando seus débitos por meio da prática abnegada da caridade.

Recursos financeiros não faltariam para tal, uma vez que o nobre fidalgo pertencia a uma família tradicional de Espanha e França. Algumas vezes, a família também estagiava em Portugal, a pedido da condessa de Guzman, esposa de D. Carlos, que era portuguesa e possuía uma Quinta nos arredores de Lisboa, mas, quando iam para aquela cidade, ficavam no Palácio de Guzman, que era herança de D. Carlos. A menina nascera no Castelo de Montalban, em Madri e a família ficava uma temporada em cada país, atendendo aos desejos do pai e da mãe.

O conde de Guzman era alma desinteressada dessa fortuna que possuía e já havia gasto boa quantidade por sua bondade e consciência, mantendo um hospital para desvalidos, gratuitamente, onde edificara uma “Associação Beneficente de Recuperação da Juventude”, que atendia tanto em Madri quanto em Lisboa. Neste programa de amparo pretendia incluir a

5 Personagem do conto “Nina”, do livro *Sublimação* – FEB, cuja identidade foi posteriormente revelada como sendo o espírito Charles. O cenário da referida história é Madri, onde se situava o Castelo de Montalban.

pequena reencarnante, nos seus mais lindos sonhos paternos, convertendo-a em enfermeira desvelada pelo menos algumas vezes na semana.

D. Carlos Ramiro era filósofo e médico, pianista e culto, dono de particular sensibilidade para com os pobres; esforçava-se por colocar em prática e exemplificar as doutrinas espiritualistas que estudava, pois amava o evangelho do Cristo. Antes de Allan Kardec codificar o espiritismo, D. Carlos estudou a teosofia e o esoterismo, pesquisando nos livros da doutrina Rosa-Cruz, enquanto era admitido também na Maçonaria, mas assim que tomou conhecimento dos novos livros que surgiam, principalmente *O Livro dos Espíritos* e *O Evangelho segundo o Espiritismo*, passou a estudar junto à Sociedade Espírita de Paris os ensinamentos dos amigos espirituais, chegando a permanecer na França por mais de um ano. Por essa época, sua sensibilidade mediúmica se aguçou e ele passou a perceber junto a si espíritos amigos pela clarividência.

Eu conhecia e admirava este espírito havia muitos séculos e senti com facilidade as vibrações de alegria daquele coração paterno, quase em júbilo, pela oportunidade que se lhe apresentava diante dos olhos e ao alcance dos braços. Subi as escadas. O vagido característico dos bebês ecoava de uma das alas dos aposentos particulares e não foi difícil distinguir por onde seguir. O vai e vem de criadas, trajando uniformes impecáveis e atravessando os corredores deu mais respostas. Ouvi uma das damas de companhia da senhora de Guzman, ainda de resguardo, certificar-se de que o frugal repasto estivesse na temperatura ideal para ser servido.

No quarto da criança, decorado com pequenas borboletas cor-de-rosa e um berço enorme com dossel também rosa, encontrei as vibrações felizes que perseguia desde a rua. D. Carlos segurava nos braços sua filha primogênita – Leila, e chorava. Ele olhava para o diminuto rosto com veneração e orgulho que somente o coração paterno seria capaz de conter. Olhei por minha vez para a menina, certo de encontrar ali o reflexo da inocência e fui tocado por sua

formosura. Os olhinhos amendoados e expressivos, translúcidos de tão claros, comparavam-se ao azul celeste. As rendinhas tocavam-lhe a fronte escondendo entre os toucados suave madeixa fininha de cabelo, também claro. As faces rosadas compunham a expressão fiel de um anjinho.

O pai apertou-a contra o peito, registrando meu influxo mental de oração pela pequena e, naquele momento, pelas afinidades imemoriais que trazia no fundo da alma, eu me tornei espécie de padrinho do coração para as lides daquele estágio terreno.

- Senhor do Universo, Pai de amor, abençoa este ser diminuto que pela Sua misericórdia retorna à convivência dos homens. Sei que ela é espírito imortal e que traz suas mazelas e recalques, precisando de amparo nesta nova senda que irá percorrer. Coloco-me, Pai amoroso, à disposição dos amigos iluminados que teceram as delicadas tramas desta nova oportunidade, para amparar e inspirar este espírito de agora até o fim de seus dias terrenos.

Como o bebê houvera adormecido, D. Carlos a depositou sobre o bercinho, aos cuidados da ama e, antes de sair, cerrou as cortinas, para que a luz que adentrava a vidraça não perturbasse o sono de sua querida filha.

Pensando dar assistência à mãe da menina, saiu decidido, cruzando o corredor para as alas contíguas em que a referida dama se encontrava.

Fiquei ainda um tempo observando o ressonar da criança e desejei votos de submissão aos desígnios de Mais Alto, e altruísmo, aproveitando a encarnação para transformar-se para o Bem Maior.

Voltei a buscar a família de Guzman e a encontrei em passeio a Lisboa, doze anos mais tarde, quando o bebê tinha crescido para se tornar uma linda mocinha. Pesou-me o olhar, porém, a expressão de

orgulho que se avolumou na bela menina. Voltei a vê-la nessa idade, após longo período em que me encontrava em trabalhos e estudos outros, urgentes ao próprio adiantamento moral ao qual me dispunha, já que precisaria aproveitar a oportunidade de amparar Leila. Em volitação breve, penetrei outro suntuoso recinto ao qual D. Carlos intitulava lar, mais arejado e claro, talvez pela luz alta da manhã. Era o Palácio de Guzman. Vinha mais uma vez, a convite dos protetores da família, sob a direção da benemérita Louise de Guzman.

Leila, agora uma menina, já trazia o olhar severo incomum nos infantes, mas que traduzia sua vida psíquica riquíssima e culta, a par de suas conquistas na área de mediunidade. Exibia-se ao piano, enquanto empinava o nariz para o alto demonstrando orgulho, talvez inspirada. Seleto grupo de amigas de sua mãe assistia à pequena artista, que tocava com altivez e seriedade de um adulto. Aprendera, em princípio, com o próprio pai, que também era pianista, depois com mestres renomados de Lisboa e Madri. A peça escolhida, de média dificuldade, era uma das valsas de Chopin, se não me engano, tratava-se do opus 70, nº2, em *F minor*.

Aos aplausos das convidadas, a jovem fidalga retribuiu com uma mesura e, finalmente, pôs-se de pé. O vestido de musselina branca assentava-lhe lindamente o corpinho, realçando-lhe a tez clara e com rendas e brocados brilhosos. Os cabelos modelados em cachos, agora em dois tons de castanho, pois tinham escurecido desde a última vez que a víamos, ainda um bebê.

Com efusão comum aos jovens prodígios, exclamou, algo comovida:

– Oh! Não me aplaudam que o mestre é Chopin!

Todos sabiam da admiração da pequena pianista pelo mestre polonês, que morrera em Paris havia quase trinta anos e que ainda naqueles dias encantava a todos com sua arte romântica e sublime, suave e intensa, como deveria ser sua mente de gênio da música.

A mãe recomendou-lhe algum decoro junto às outras meninas, pois que se achava, na véspera, ligeiramente febril, mas Leila deu de

ombros aos apelos maternos e lembrou que o pai regressaria de uma temporada de estudos, em Paris, justamente naquela tarde.

– Papai, de certo, me curará.

Aos sonhos de D. Carlos de inculcá-lhe desde a infância o amor pelos necessitados ou incluí-la em suas viagens filantrópicas, a mãe da menina sempre se opunha, preservando a filha, em seu modo de pensar, do contato com a miséria e a doença, a pobreza e a dor, somadas às viciações abjetas às quais os seres humanos se submetem inadvertidamente. Não poderiam aqueles olhinhos angelicais ver tais aberrações, nem o coraçãozinho puro suportaria conviver com as mais baixas expressões do homem.

Porém, aos apelos do pai chamando incessantemente por Leila, a senhora condessa de Guzman sempre respondia que se esperasse pelo tempo certo, quando a menina desabrocharia na jovem prestativa e que, para tanto, fossem sugeridos valores morais em sua educação primorosa. Pois não falava o francês fluente? Não tocava piano com dedicação? Não se comportava como verdadeira princesa entre os convidados? Aos poucos também, os nobres valores como altruísmo e filantropia, tão prezados pelo senhor conde, seriam convertidos em pequenas ações aos desafortunados, como as esmolas atiradas aos mendigos. Sim, ela teria potencial mais tarde para se tornar caridosa e recursos não lhe faltariam. Faltava apenas, por enquanto, dar tempo ao tempo até que a maturidade e a educação que tivera lhe inspirassem os atos.

D. Carlos silenciava aos apelos do coração materno, mas não queria que a filha simplesmente atirasse moedas aos pobres e, sim, que se comprometesse com a filantropia. Por sua vez, ele não conseguia tratar sua querida Leila com os rigores que uma educação moralizante requeria, cedendo sempre aos caprichos da filha. Seu coração bondoso se lembrava dela nas revelações que tivera sobre a encarnação pregressa, quando outrora fora cigana dançarina que morrera tísica⁶.

6 Referência ao conto “Nina”, da obra *Sublimação* – FEB.

Talvez por essas razões, ou por trazer em espírito as características que se lhe acentuavam, a jovem pianista crescia algo mimada, como filha única daquele lar riquíssimo, acostumada à deferência de todos que lhe acercavam a alegre vida.

Voltando ao canto do salão, as mocinhas estavam reunidas em alegre efusão, rindo sem motivo, com a facilidade que a juventude encontra em ceder ao pequeno prazer de estarem juntas e não terem ainda grandes responsabilidades que as preocupassem.

- Então não leste, amiga Leila, a obra prima do nosso Camilo, *Amor de perdição*? Tenho certeza de que gostarás, pois teu espírito dado a aventuras introspectivas aplaudi-lo-á sem reservas. Simão Botelho e Tereza Albuquerque amam-se, mas suas famílias se odeiam...

A lucidez de Leila foi imediata para cortar a narrativa que se seguiria, trazendo à baila os detalhes relevantes da história, que, ditos de maneira antecipada, acabariam por atrapalhar o prazer de ler.

- Se é o que dizes, revive o senhor Castelo Branco os dramas trágicos de Shakespeare? Temos, à portuguesa, novos Romeu e Julieta?

A interlocutora riu-se, pois nunca havia comparado as duas histórias. De fato o tema romântico não era inédito, famílias que se odeiam e proíbem os jovens de se encontrarem, levando-os a morrer ou matar em nome do amor.

As adolescentes passaram a cismar por alguns minutos e como a nós é fácil perscrutar a alma humana nesses momentos de íntima reflexão, adentrei os equivocados pensamentos de Leila:

"Como seria nobre sair desta vida por motivo de um amor inacessível e puro. Deixar a todos essa mensagem de rebeldia, esse recado de entrega, provando que o coração apaixonado é soberano e governa a mente com seu sentimento tão gigantesco e expressivo, que prefere a morte à solidão, diante da impossibilidade de se concretizar. Sentimentos elevados de bem-querer e carinho, quimeras e passeios, beijos roubados e pequenos bilhetes consagrados a um e a outro, em segredo, lidos apressadamente à luz fraca de uma vela. Não se podem desfazer os sonhos de união pelo desgosto paterno!"

Grave impressão daquela sequência de raciocínio passou à minha percepção. Assustado pelo tema recorrente que outrora comungávamos, ou melhor, que eu inspirava a ela, naquela mesma sucessão de argumentos, afastei-me da jovem bela, deixando-a entregue a seus próprios devaneios de amor adoentado, mas entendia, agora, o quanto seu coração infantil e obstinado se equivocava diante das perspectivas desse amor inconsequente, em nome do qual as bandeiras do Romantismo se erguiam.

Veio ao pensamento a inspiração de influenciá-la, certamente, protetores do espaço vigilantes auxiliavam e passei a refletir em favor de Leila, apesar de sua firmeza de raciocínio. Tentei persuadi-la, afirmando que o engodo do suicídio era a temática central de tais dramas até hoje exaltados pela literatura mundial e, na época em voga, isso não passava de um modismo nefasto que arrastava os sonhadores à morte por amor. Com este ato tresloucado, esquecem-se de que o Pai Celestial é o Senhor da vida e da morte, Suas sábias leis não se curvam aos caprichos de corações egoístas que julgam amar, mas que, verdadeiramente, querem reter para si o ser amado. O amor autêntico a tudo perdoad e esquece e, ainda, preserva-se de toda dor e não se destrói.

O suicídio sempre foi um grave erro, o suicídio por amor, um engodo do egoísmo romântico. Quem ama liberta. Quem sabe não tiveram essas duas almas a prova ou expiação de se amarem à distância, mantendo os corações preservados um para o outro e o corpo voltado para a caridade em nome do amor?

Preso neste íterim entre o cumprimento do plano reencarnatório e o esforço em frustrar esse plano por meio do intento de morte, embasado pela crença no nada posterior, o suicida prende-se à loucura que pratica por anos a fio. Porém, a misericórdia divina não desampara ninguém e chega a hora de resgate da loucura, após tratamento de recuperação, em que o regresso à nova roupagem terrena se fará necessário. Nenhum crime praticado contra a vida ficará impune, nem mesmo os praticados pelos heróis românticos, pois seus

pensamentos e atitudes, como personagem, são criados na mente de um autor e é essa a responsabilidade que a consciência lhe cobrará mais tarde.

Afastei-me do grupo de meninas, que ainda discutiam protagonistas apaixonados e suas lúgubres razões em nome do amor equivocado, porque D. Carlos acabava de chegar ao recinto. Sendo recepcionado pela senhora condessa e por todos os convidados, ele procurou o olhar da filha que saiu do grupo de meninas para abraçar o pai e, sem delongas, reclamar de sua indisposição.

O senhor conde e sua filha confidenciavam detalhes no canto oposto ao piano e podia distinguir o tom suave e choroso com que a jovem convencia o querido progenitor de sua condição. Os cabelos grisalhos do fidalgo e sua expressão séria de puro interesse refletiam seu estado de alma – profundamente preocupado com o ocorrido, por mais corriqueiro que se fizesse. Fitou com seus olhos negros e cansados a beleza quase infantil diante de si e sorriu, algo comovido, quando percebeu que os sintomas já se haviam abrandado e que ali não havia enfermidade e sim faceirice. Leila era o brilho de seus olhos, a razão de sua vida, o coroar de sua existência. Vê-la feliz e saudável era seu ideal, compensá-la pela dificuldade que enfrentara na encarnação pregressa era o cerne de seu comportamento para com ela.

Ouvia a filha atentamente, vez por outra perguntava sobre algum detalhe do sintoma descrito e, médico que era, sondava a disposição de Leila para poder recomendar os procedimentos.

– Tu sentias dores, Leila? Conta-me onde... – perguntava o fidalgo preocupado.

– Não, papai, nada doía, só senti muito sono – redarguiu a adolescente.

– E a febre que tua mãe relatou?

– Exageros dela. Mamãe fez-me deitar – na jovem visão da vida, ir se deitar durante o dia era pura perda de tempo.

– Agora nada sentes, pois vi que te divertias ao piano.

- Não mais.

Com carinho, tocou a testa da filha, como se medisse a temperatura, mas na verdade já sabia que ela não tinha nada. Enquanto fazia isso, orava por ela.

Além de médico, D. Carlos era profundo conhecedor da alma humana, estudante de filosofia oriental e apreciador do mestre de Lion, cujo material de pesquisa estudava, semanalmente, por ser apreciador de filosofia e ciência. Em princípio, interessado na cura pelo magnetismo, acabou por envolver-se nas manifestações de mesas girantes com dedicação e, hoje, não desprezava aqueles conhecimentos na cura de seus pacientes e de toda a família.

Retirei-me do recinto em profunda meditação em torno das vidas de Leila e procurei a estância espiritual onde estagiava, buscando aconselhamento e reflexão. Nossa conselheira e também madrinha espiritual de D. Carlos e Leila, vendo o estado em que me encontrava, fez-se presente e elucidou-me, imediatamente, constatando meu pensamento aflito:

- Caro Arnold, as leis soberanas e justas de Nosso Pai Maior dão a cada um o necessário para o progresso de todos. A menina Leila foi suicida, como sabes.

Como ela fizera pequena pausa para minha reflexão, recordei o trágico episódio envergonhado de mim mesmo pela inspiração que imprimi junto ao pensamento de Leila, levando-a a atirar-se ao mar, por impulsos do coração partido. Ela tinha dezesseis primaveras e havia levado meu filho do coração, anteriormente, à mesma desgraça por ela – o suicídio. Vinguei-me como odioso obsessivo que era. Senti pesar sobre mim mais uma vez as responsabilidades no ato desvairado de amor, cometido por Andrea, nos idos de 1800. Hoje, arrependido, convertido à doçura e ao perdão que nos propõe o manso Rabi da Galileia, implorei aos superiores acompanhar meu filho e não perder a menina de vista, imbuído da determinação de amá-la. A intenção era ampará-los, mas como minha carta de serviço ainda não era das mais amplas

em se tratando de caridade, contentei-me com o posto de observador e amigo, embora me sentisse brindar por aquele sentimento avassalador de compaixão que tanto era descrito e inspirado por diletos mentores.

Louise de Guzman prosseguiu:

- Os pensamentos que Leila emitia há pouco não são mais que reflexos de sua alma saudosa das paixões que viveu e que a comprometeram, embaladas pelos novos personagens das histórias fictícias, a que sua mente inquieta e ávida por aventuras, poderia acompanhar. Este gérmen, ainda que pequeno, é alimentado pelas histórias de amor que lê.

“A leitura edificante, cuja recomendação não falta, pois seu pai mantém interessante biblioteca espírita e esotérica que poderia dar a ela respaldo, poderia ser uma das soluções para sanar tais anseios, até que os sonhos juvenis equivocados cedessem lugar ao juízo e discernimento da idade adulta. Sabemos que os corações ainda jovens são mais influenciáveis e, portanto propícios, cabendo aos pais e professores maior atenção e redobrada vigilância nessa idade – a adolescência.

“Em breve a menina deverá deixar o lar paterno para concluir seus estudos em colégios franceses, como costume das famílias abastadas. Esse novo lar em que Leila estagiará é instituição de grande respeito entre as luzes do cristianismo terreno. Lá, ela poderá cultivar, entre os sacerdotes e professores, nobres amizades e inspiradoras personalidades para o reto proceder, o cultivo dos valores morais e, quem sabe, possa cumprir as aspirações de seu pai, ou seja, que ela consiga praticar o altruísmo e se torne caridosa.”

A benfeitora se calou e, diante das revelações do plano encarnatório de Leila, lembrei-me do compromisso com meu dileto filho ao qual não perdera de vista e acompanhava de quando em quando. Sem que precisasse esboçar as interrogações íntimas, a nobre mentora ponderou:

- Roberto a encontrará, sim, é inevitável, devido à proximida-

de em que as famílias que os abrigam residem, sendo amigas. Dependerá apenas do livre-arbítrio dos dois para que se unam mais uma vez.

A lua que nascia nos horizontes exortou às íntimas reflexões sobre os desígnios de Deus e o livre-arbítrio de cada espírito, tecendo luminosa trama...